

Henrique Pinto*
M.^a da Graça Pereira**

Resumo

A decisão de separação é um processo complexo. Ao invés da decisão de casar, a decisão de divorciar-se raramente é consensual nas famílias com filhos. Frequentemente um dos cônjuges quer dissolver o casamento com maior empenho e energia do que o outro.

No estudo qualitativo aqui apresentado é possível verificar que as mulheres tomam frequentemente a iniciativa de separação e as suas narrativas predominantes são do tipo "trágico".

No artigo são avançadas algumas justificações para esta predominância feminina na tomada de decisão de separação bem com abordados o processo emocional vivenciado pelas mulheres ao longo das diferentes fases da separação/divórcio.

Palavras Chave

Narrativas, separação, divórcio, desencanto, mulheres, tragédia.

Introdução

Uma parte significativa das pessoas que põem fim ao casamento, fazem-no com a esperança de melhorar a sua qualidade de vida e a de seus filhos (Wallerstein, Lewis & Blakeslee, 2000). Mas são poucos os que quando se divorciam podem prever o que os espera. A vida é, quase sempre, mais árdua e complicada e mais solitária, pelo menos para um deles (Wallerstein & Kelly, 1996).

*Técnico Superior de Reinserção Social no Instituto de Reinserção Social de Braga

**Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho

Quando numa família há filhos a experiência é única. É o mais parecido à morte de um ente querido (Emery, 1994). Ambas as experiências implicam perda e dor, mudanças perduráveis na vida quotidiana e ao nível das relações íntimas. No entanto, o divórcio é diferente, é uma crise especial porque, simultaneamente, cria novas soluções e novos problemas (Wegscheider-Cruse, 1999). Os sentimentos de perda e sofrimento combinam-se com amor e ódio. Surgem os ciúmes sexuais, reforçados pelo sentimento de traição (Wallerstein & Blakeslee, 1990), culpa, humilhação, raiva, rejeição e depressão. Quando ocorre a separação de um matrimónio que durou muitos anos, a própria identidade da pessoa pode ver-se ameaçada (Emery, 1994).

Em termos jurídicos, existe o conceito de divórcio sem culpa; contudo, nenhum homem, mulher ou filho aceita emocionalmente o divórcio sem culpa (Wallerstein & Blakeslee, 1990). Os adultos quase sempre se acusam entre si, mas raramente se acusam a si mesmos. Os filhos, por outro lado, sentem que os pais são culpados por terem fracassado numa das tarefas mais importantes da sua vida. O divórcio diferencia-se de outras crises porque o luto pode expressar-se com mais frequência de maneira física ou verbal, provocando uma violência que pode provocar graves danos psicológicos durante muitos anos (Warshak, 2001).

Na maioria das situações de crise, em particular física (incêndios, inundações, etc.), os pais tratam instintivamente de salvar os seus filhos; todavia, nas crises matrimoniais, os pais ocupam-se, em primeiro lugar, dos seus próprios problemas (Wallerstein & Blakeslee, 1990).

O divórcio é, também, a única crise familiar importante em que a sociedade não dá apoio (Marcos, 1986).

Habitualmente, uma parte quer dissolver o casamento com maior empenho e energia do que a outra. Em muitos casos, é mesmo só um que pretende sair do casamento, conforme afirmam Wallerstein e Kelly (1996, pp. 16-17): "Ao invés da decisão de casar, a decisão de divórcio raramente é consensual nas famílias com filhos". No estudo destas autoras, as mulheres dão o último passo nesse sentido, tomam a decisão final em três quartos dos casos, enquanto os homens em 50% dos casos estão em oposição activa. Habitualmente, o cônjuge que opta pelo divórcio, tem tendência a ver os filhos relativamente ajustados e sem problemas durante a crise

ais
as
Ja
é
is
is
s
,
,
i
,

(Wallerstein & Kelly, 1996). O que se opõe ao divórcio tem tendência a perceber os filhos como estando a viver um período de sofrimento.

Por outro lado, por parte dos filhos, a base na qual a decisão de divórcio é tomada pode ter consequências a longo prazo na capacidade, não só de integrar a experiência, mas também na avaliação das atitudes dos pais e, através dela, na sua visão do mundo dos adultos (Ackerman, 1995).

MÉTODOS

No nosso trabalho tentámos situar-nos no ponto de vista dos sujeitos (suas percepções, vivências, representações), pelo que privilegiámos a entrevista de explicitação. Como refere Vermesch (1996) visa a verbalização descritiva dos aspectos da acção vivida.

Efectuámos, um conjunto de dez entrevistas, a mulheres divorciadas com filhos, das quais utilizámos apenas seis. Foram inutilizadas 4 entrevistas por "não acrescentarem nada de novo" e fornecerem pouca informação. As entrevistas foram gravadas em registo áudio, com consentimento prévio.

Usámos entrevistas não estruturadas, com apenas duas questões abertas: 1- "Gostaria que me falasse do seu processo de separação"; 2- "Como viveu o processo em termos emocionais".

A idade das entrevistadas varia entre os 27 e 48 anos, possuíam pelo menos o 9º ano de escolaridade, duas tinham experiências de conjugalidade anteriores ao casamento. A duração do casamento varia entre 1 e 11 anos com uma média aproximada de 8 anos. O tempo decorrido após a separação, variava entre 1 ano e 10 anos, com uma média de 5 anos.

O processo de divórcio só num caso foi litigioso. A custódia dos filhos, em cinco casos, foi confiada às mães e num caso foi confiada ao pai. Todos os casos são de guarda única.

No que se refere ao regime de visitas (trata-se aqui não do acordo estipulado pelo tribunal, mas sim das visitas de facto, isto é, do seu funcionamento prático): em dois casos são semanais; em três casos são quinzenais; num caso não é cumprido há vários anos.

Foi realizada a análise de conteúdo Bardin (1995, p.38) e foi realizado com o recurso a um *software* informático (NUD*IST - *Non-numerical unstructured data-indexing, searching and theorising* - versão 4.0). As narrativas foram trabalhadas recorrendo-se à análise de conteúdo através de um processo de categorização emergente que abarcou o tratamento integral das seis entrevistas que constituem o *corpus* desta primeira fase do nosso estudo. Procurámos assegurar a exaustividade e exclusividade das categorias, ou seja, como aconselha Vala (1986), garantir, no primeiro caso, que todas as unidades de registo pudessem ser colocadas numa categoria e, no segundo caso, que uma mesma unidade de registo só pudesse caber numa categoria.

Análise das Narrativas: Fases do Processo de Separação e Divórcio

Passaremos, em seguida, a descrever sucintamente as principais categorias e subcategorias que emergiram desse processo conforme registamos no quadro 1.

-Expectativas face ao casamento

Na fase inicial algumas das mulheres põem o acento tónico nas suas expectativas face ao casamento e na sua atitude face ao divórcio. Existe certa tendência para entender o casamento como instituição que dura toda a vida, como na tradição judaico-cristã, embora seja admitida a possibilidade de divórcio. Mas, mesmo quando as mulheres admitem a possibilidade de divórcio não é algo que esperam que lhes possa acontecer: "*Eu quando me casei, fi-lo a pensar que o casamento era para toda a vida*".

Existe, por vezes, uma certa idealização do casamento, como se pode depreender das palavras desta entrevistada: "*Eu sou contra o divórcio, mas não me arrependo de ser divorciada. Mas, sou contra o divórcio porque hoje as pessoas casam e já estão a pensar em se divorciar... O casamento é muito bonito e muito feliz se as pessoas o souberem levar ...*" ou, como refere outra das mulheres entrevistadas: "*...sempre pensei que fosse uma coisa para toda a vida, uma pessoa nunca pensa: daqui a uns anos vou-me separar*".

Quadro 1
Categorização emergente das narrativas:
- Sistema de categorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TÓPICOS
Expectativas face ao casamento	- Atitude face ao casamento - Experiência conjugal anterior	
O desencanto	- Identidade irreconhecível - Personalidade do cônjuge - Comunicação conjugal - Projectos comuns	i) Características da personalidade do cônjuge ii) Comportamentos atribuídos ao cônjuge iii) Estilo educativo iv) Ausência de carinho i) Processo de comunicação conjugal ii) Impulsividade iii) Dificuldades de crescimento pessoal iv) Relacionamento conjugal
A crise conjugal	- Dimensões da vulnerabilidade conjugal - Luta pela afirmação pessoal e poder - Agressividade - Maus tratos - Preservação da relação - Procura de ajuda médico-psicológica	
A separação	- Preparação para a separação - Tomada de consciência da decisão de separação - Separação conjugal - Separação ou divórcio legal - Divulgação da notícia de separação - Decisão e atitude face à separação - Separação social e comunitária - Separação emocional/sentimentos vivenciados	
Fase pós separação	- Reconstrução da identidade pessoal - Vantagens da separação - Custódia dos filhos - Relacionamento pós separação - Relacionamento parental - Impacto do conflito conjugal na relação parental	

Assim, em resumo, esta categoria está centrada nas expectativas face ao casamento e na atitude face ao divórcio.

- O desencanto

O desencanto, é o elemento cristalizador do "desamor" que contribui para que se vá invertendo progressivamente a relação. Muitas vezes, são elementos que têm a ver com incompatibilidades de carácter, com a personalidade do outro, com limitações ao crescimento pessoal da narradora mas, também, com a comunicação e com os projectos de vida em comum.

Por vezes, o elemento de desencanto sobressai pela sua intensidade narrativa e situa-se no outro, na personalidade do cônjuge e nas alterações da personalidade do cônjuge.

As *características de personalidade do cônjuge*, manifestam-se aos níveis desenvolvimental, pessoal, relacional e do auto-conhecimento e são abordados na perspectiva das suas lacunas e défices.

Ao nível desenvolvimental focam-se, essencialmente, nas vivências e no ensinamento recolhido ao longo do processo de crescimento. Sublinha-se, aqui, a singularidade do percurso e a importância do sofrimento na aprendizagem, apontando-se a imaturidade do cônjuge a este nível.

Nas características pessoais do cônjuge, a ênfase recai sobre o carácter vingativo, a falta de auto-confiança, o autoritarismo, o carácter controlador, o egoísmo, a falta de espontaneidade e de liberdade interna, o ser mau e possessivo.

Ao nível relacional, é referida a insegurança pessoal, com conseqüente projecção na relação daquilo que menos gostamos em nós, como refere uma das entrevistadas: *"Isto é uma questão de auto-estima. Na minha opinião, não podemos gostar dos outros se não gostarmos de nós. Da mesma maneira que não podemos gostar de uma criança se não gostarmos da criança que fomos... O problema, muitas vezes, é o imaginário e não a realidade. Temos uma tendência tremenda a imaginar coisas que não são e, depois, projectamos na pessoa de quem gostamos menos"*.

Ao nível do auto-conhecimento, é sublinhado o insuficiente conhecimento do cônjuge de si próprio, não só dos aspectos reais e

tivas

que
uitas
cter,
al da
vida

lidade
ções

am-
ento

cias
tha-
o na

re o
cter
na,

om
ões,
na.
ios
iça
es,
a a
de

nte
s e

conscientes, mas também das fantasias e imaginário. Existe uma incapacidade para rentabilizar as coisas boas que o cônjuge tem dentro dele, mostrando-se incapaz de olhar para o que dentro de si próprio tem, como refere, de forma paradigmática e extremamente rica de conteúdo, uma das entrevistadas: "*quando tiveres coragem de chegares ao espelho, olhares de frente e depois conseguires ouvir o silêncio que há dentro de ti e o barulho que há dentro de ti e depois pegares e deitares fora o barulho todo, ficas só com o silêncio, ouve-te a ti mesmo e tu vais encontrar imensas coisas que tens e que nem sonhas que tens*".

As subcategorias anteriormente descritas referiam-se, fundamentalmente, às características da personalidade, à aprendizagem do cônjuge na família de origem, e à sua culpa, sempre no sentido de interpretar o insucesso conjugal. Numa outra subcategoria, embora por vezes a tónica continue a situar-se nos défices do cônjuge, são enfatizados aspectos de interação do casal, nomeadamente, o processo de comunicação conjugal: a impulsividade, dificuldades de crescimento pessoal no interior da relação e o relacionamento conjugal.

No tópico *processo de comunicação conjugal*, é de salientar que a comunicação é, nalguns casos, positiva, partilhada e aberta; existe uma postura de apoio e, neste caso, o comportamento de abandono da relação por parte do cônjuge é inesperado. Noutros casos, a comunicação é conflituosa e agressiva, tal como se pode observar pela afirmação seguinte: "*...ausência de conversação normal, era impossível discutir e conversar, mantinha uma discussão por coisas sem nexos*". Noutros casos, a comunicação é entendida como deficiente e existe um sentimento de vazio: "*sentia um vazio de tudo (...) a comunicação cada vez era menor*"; ou, como refere outra das entrevistadas: "*ele não percebia que o amor exige partilha*". Curiosa, parece ser a auto-percepção de uma das entrevistadas na situação de conflito: "*eu nunca me atirava a ele...nunca acusava...mantinha a calma*".

Nas *dificuldades de crescimento pessoal* a relação conjugal e o crescimento pessoal no interior desta tornam-se inconciliáveis. É referido, pelas entrevistadas, que não têm vida própria como, por exemplo: "*Eu era um objecto...eu não tinha número de contribuinte, não tinha dinheiro, não tinha nada*". É como se sentissem a identidade pessoal a

definhar, como podemos ler nesta narrativa: "*Eu era para ele uma autêntica criada.(...) Queria que eu vivesse para o que ele quisesse e mais nada*". Neste tópico, faz-se ainda referência à necessidade de desenvolvimento académico e autonomia laboral, como é visível nas afirmações seguintes: "*Deixei de trabalhar por causa dele*" ou, ainda, "*...as promessas de me deixar trabalhar e estudar nunca cumpridas, ainda para mais, quando a situação económica não é boa*".

Esta fase de desencanto desemboca, muitas vezes, numa crise mais ou menos aberta que ameaça o relacionamento conjugal.

- A crise conjugal

Após o desencanto, entra-se na crise que pode ser mais ou menos profunda. Consideramos aqui os aspectos que vulnerabilizam a relação, ou seja, o conflito. Nesta subcategoria, são agrupadas situações, ou fases da vida conjugal, que fragilizam a relação e, nas quais, factores internos e externos tornam a entrevistada mais vulnerável a essas crises. Em determinada fase, os interesses próprios começam a prevalecer sobre os da relação.

Nesta fase são feitas também referências às várias tentativas para que os conflitos fiquem, pelo menos inicialmente, no interior da relação, sejam apenas do conhecimento do casal e, eventualmente, de um ou outro amigo. O esforço para tal preservação pode ser reconhecido nas afirmações seguintes: "*Não dizia nada a ninguém; sempre cara muito leve, mas por dentro sabe como é, não é?*"; "*Durante aquele ano não comentei nada do que estava a passar-se com ninguém, guardei aquilo comigo e falava com ele*"; "*Nunca disse nada a ninguém, nunca falei nada, a minha vida continuou sempre assim*". Existe, sobretudo, a tentativa de preservar o casamento.

Como podemos ver no quadro 1, nesta categoria, integramos várias subcategorias: dimensões da vulnerabilidade conjugal; luta pela afirmação pessoal e poder; agressividade; maus tratos; mas também a preservação da relação e a procura de ajuda médico-psicológica.

- A separação

As entrevistadas, regra geral, apontam para um processo longo,

uma
se e
e de
nas
nda,
das,

rise

nos
ção,
ases
os e

obre

para
ção,
utro
nas
uito
ção
uito
ilei

o. a

nos
ela
n a

go,

o que só não acontece com uma entrevistada. Nalguns casos, passa-se por um período de preparação; noutros casos, a degradação da relação processa-se lenta e progressivamente. Habitualmente, é reconhecida a existência de uma crise, durante a qual se pode ou não abordar o divórcio, mas em que há ameaças de abandono da relação, avanços e recuos. Com o desgaste da relação, a situação torna-se insustentável e acontece o "click", expresso em afirmações como estas: "*Há uma altura em que se sente a necessidade de o fazer*"; "*Estava a precisar de um corte*"; "*Não havia outra solução que não fosse a separação*". Nestes casos, uma das pessoas deixa a casa, habitualmente o marido mas, num dos casos, o casal separa-se e continua a viver junto. Acontece, por vezes, arranjar-se uma estratégia, acordada previamente entre ambos como, por exemplo, ir para casa dos pais porque se está doente ou, então, arranja-se um pretexto para sair da relação, emigrando.

O facto de se ter filhos é entendido como uma ponderação séria acerca da atitude a tomar, o que torna o processo mais complexo e aumenta a responsabilidade da decisão de separação.

Os filhos contribuem, não só para melhor pesar a decisão mas, muitas vezes, para adiar a decisão: "*Andei durante quatro anos a pensar se me havia de separar ou não, visto ter filhos. Se fosse sozinha era outra coisa. Mas como havia filhos menores, uma pessoa tem de pensar muitíssimo bem, porque os filhos apanham sempre por tabela. Mas cheguei a um ponto que vi que não dava... quando começaram a surgir os problemas comecei a pensar em mim, pensava nos filhos, principalmente nos filhos... Nos meus filhos pensei muito, muito, como é que eles iam passar*".

Nesta categoria identificámos várias subcategorias, como: preparação para a separação, tomada de consciência da decisão de separação, separação conjugal, separação ou divórcio legal, divulgação da notícia de separação, decisão e atitude face à separação, separação social e comunitária, sentimentos vivenciados.

- Fase Pós Separação

O pós-separação é um prolongamento da crise mas, também, uma necessidade de mudança. É reconhecido, por várias entrevistadas,

que "*a separação faz mudar*". Surgem as dúvidas metafísicas, e acerca do relacionamento humano: "*É o equilíbrio que se procura através de várias coisas para preencher um espaço afectivo que ficou livre*". Mas também são aqui referidos a liberdade pessoal, o gostar de estar sozinha e à vontade e a preferência por estar sozinha com os filhos. É dada muita importância pelas entrevistadas ao facto de ficarem com os filhos, porque estes lhes dão estabilidade.

Esta é uma fase que compreende aspectos ligados à reconstrução da identidade pessoal, às vantagens da separação e adaptação a uma vida autónoma, incluindo, também, os aspectos ligados à custódia dos filhos e ao relacionamento conjugal e parental, bem como a percepção do impacto na separação.

Narrativas da separação e divórcio

A narrativa é um processo pelo qual o indivíduo organiza a sua experiência, através da contextualização, estabelecendo ligações e conexões entre elementos dispersos conferindo-lhe uma lógica e coerência próprias (Gonçalves, 2000).

A análise do discurso narrativo, segundo Ricoeur (1984), não é somente uma análise do passado mas, fundamentalmente, de como um discurso do presente, que compreende e interpreta o passado, se projecta no futuro.

Neste contexto, as narrativas das mulheres divorciadas são construções complexas. Todas diferentes pela sequência de acontecimentos narrados elas são, contudo, muito semelhantes pelo objecto e pela estrutura, pois todas nos contam uma "falha" ou insucesso conjugal reinterpretado através do seu fim. É precisamente a partir do fim (separação/divórcio) que a narradora antecipa e dá sentido ao namoro, ao casamento, aos desentendimentos conjugais, aos conflitos. A narrativa corre, assim, vertiginosamente para o desenlace previamente antecipado e conhecido: a separação e o divórcio. Nesta perspectiva, em nosso entender (Pinto, 2002), a compreensão das narrativas parece depender mais da análise da configuração do seu percurso, do que dos próprios ingredientes do desacordo que nos permitem a apreensão das lógicas fundamentais que lhe conferem sentido.

É, neste sentido, que Ricoeur (1984) e Théry (1996) referem que a narração é uma configuração do tempo recontado que dá sentido à sucessão de acontecimentos, fazendo-lhes uma transformação. Assim, "a narrativa é um percurso" (Théry, 1996, p.192). As narrativas são histórias de vida contadas no presente acerca do passado. Mas é ao presente que se tenta dar sentido.

As narrativas das mulheres divorciadas são relativamente estandardizadas. Embora a sequência dos acontecimentos possa variar, existe um conjunto de circunstâncias fixas: a narradora, um mesmo destinatário, o interlocutor/investigador, uma separação, um divórcio; os mesmos ingredientes: um casal, os factores de desentendimento, o mesmo contexto, dar sentido ao presente (através da reinterpretação da dissolução do casamento), explicitado de forma a convencer o seu percurso conjugal.

Através das narrativas é possível construir a organização sequencial de base que pode permitir esta operação de reorganização e interpretação do insucesso conjugal. Assim, são de sublinhar uma fase inicial, uma fase de crise e uma fase de desenlace que conduz à separação. Entre o ponto de partida e o ponto de chegada as articulações são fundamentais à construção do enredo. Nestas articulações, um primeiro elemento a considerar é o elemento que faz "abandar" o casamento, o elemento de "desencanto" ou o elemento cristalizador do "desamor" (Théry, 1996). Este elemento pode ser de natureza diversa: pessoal, social, relacional. Este desencanto, ou cristalização pode ser lento ou rápido. Contudo, ele introduz uma nova fase na narração ao conferir aos traços de personalidade, à comunicação conjugal, aos comportamentos e actos ou peripécias uma significação específica. Pode ser o primeiro "nó" no casamento, mas o horizonte temporal é a introdução da crise. O segundo elemento, é a articulação que faz passar da crise ao desenlace, é o factor "desencadeador", identificado como origem da decisão de ruptura.

Assim, a narradora está colocada frente a uma dupla escolha: optar de entre todos os elementos, aqueles que na linha imaginária do tempo, ela identifica como factores de desencanto e como factores desencadeadores que orientam a sua narração.

Nas narrativas das experiências de separação e divórcio existe

um conjunto de elementos datados, mais ou menos fixos: o namoro, o casamento, o divórcio, as dificuldades, os sucessos. Contudo, os elementos "cristalizadores" do desencanto que introduz a crise e os desencadeadores da separação dependem da escolha operada pelo narrador. Com efeito, os elementos de desencanto e os desencadeadores da separação, na linha imaginária do tempo, podem estar muito afastados ou serem coincidentes (Théry, 1996). No primeiro caso, o casamento pode ser identificado a uma crise desde o início, tal como afirma uma das entrevistadas: "*É um processo longo que eu vou tentar descrever. Ele enganou-me desde o primeiro dia do casamento*" ou, como refere outra das entrevistadas: "*Se formos a ver bem, até antes do casamento, mas onde eu comecei a detectar problemas foi dias após o casamento, em que o meu marido começou a ter alterações abismais de comportamento*".

Nos dois exemplos antes enunciados todo, ou quase a totalidade do casamento é identificado como uma crise.

Como se pode ver, o elemento de "desencanto" ou cristalizador da crise, é colocado logo no início da narração; o "cursor do tempo" desloca-se até ao primeiro dia, ou até ao início do casamento. Podemos, assim, dizer que todo o casamento é identificado a uma crise, todo o tempo é um tempo de ruptura potencial face a uma crise.

"*O meu processo de separação foi um bocado complicado porque andei durante 4 anos a pensar muitíssimo bem se havia de me separar ou não*"; neste caso, não é a totalidade do casamento que é identificada como crise mas são quatro anos.

Com frequência a narração é entendida como a narração do desencanto, do desamor. A narração inicia-se com o primeiro dia do casamento das expectativas e da estranheza face ao período de namoro. Depois, a narração continua com os vários exemplos de desencanto: "*Ao fim de 15 dias começou a sair de casa e, claro, eu ficava sozinha...e estranhei, e cortou a relação com a minha família... E, claro, eu chorava, porque queria estar com ele; tinha medo de estar sozinha ali dentro de casa*"; até à crise relacional instalada e aos maus tratos: "*Então ele começou a levar lá para casa os amigos para jogar. À hora que ele chegasse, 1, 2, 3 horas da manhã...entretanto*

engravidai...tinha que me pôr a pé para arranjar os petiscos para eles. Aperceberam-se que eu sabia cozinhar e tinha de fazer isto constantemente. Até que um dia, às 3 da manhã, eu disse que não me levantava e ele agrediu-me".

141

A densidade e o clima de tensão e conflito vai aumentando, até surgir o elemento deflagrador que desencadeia a separação, que é a agressão.

No caso de uma das entrevistadas, o desencanto inicia-se, também, com dificuldades de crescimento pessoal no interior da relação: *"Era uma pessoa que não convivia e eu gosto muito de conviver, gosto imenso de falar, ficou sempre assim. Não podia ir para lado nenhum, chegou o momento em que nem me deixava ir às compras".*

Essas dificuldades vão-se avolumando até que atingem características pessoais já intoleráveis para o narrador: *"Passados dois anos de o meu filho mais novo nascer ele passou a ser rebelde passou a ser egoísta, era tudo só para ele e mais nada".*

Situação bem diferente é colocada na narrativa seguinte: *"A C. (filha) tinha nascido há três meses mais ou menos e um dia de manhã o pai pediu-me o divórcio. Eu pensei, será que estou a sonhar!". "Achei que...acho que pensei que aquilo não era comigo, agi como se fosse uma representação e fui até ao fim a pensar assim. Quando me dei conta que aquilo era mesmo a sério foi só passado um ano".*

Nesta narração não é reconhecida a existência de crise conjugal. Nunca foi abordado o divórcio do casal anteriormente. A relação é caracterizada como sendo boa. O pedido de divórcio é encarado com surpresa. O elemento de "desencanto" e o elemento despoletador da separação são quase coincidentes.

Nas três primeiras narrativas a que fizemos referência, o conjunto da narração toma sentido como narração de uma falha original. O elemento de "desencanto" está latente desde o início da narração e ao longo da história, por vezes, até antes do casamento.

Neste tipo de narração, os heróis da história estão presos a um movimento que conduz inexoravelmente à catástrofe final. O divórcio é o destino, razão pela qual Théry (1996) denomina este tipo de narrativa de

"tragédia".

Ao inverso, no último exemplo, o cursor do tempo é colocado no fim, na direcção do desencadeador da separação. A narradora identifica a totalidade do tempo a um casamento ordinário, mais ou menos ameaçado como qualquer outro. A narradora não descreve o casamento como algo que se desfaz mas como algo que se constrói. O casamento continua a transportar consigo a promessa do quotidiano. A metáfora que melhor exprime esta situação será como "um relâmpago num céu sereno". Um acidente que se abate do exterior sobre um casamento que podia e deveria continuar. A esta configuração narrativa Théry (1996) denomina de "drama".

No primeiro caso, o desencanto dá lugar a uma crise que é descrita exaustivamente. O relacionamento conjugal, ou é caracterizado desde o início como problemático, ou o elemento cristalizador da crise aparece a dado passo da narração. No segundo caso, o elemento de desencanto e o elemento desencadeador aparecem em simultâneo.

Considerações finais

As narrativas que identificam o 'tipo tragédia' (Théry, 1996), são predominantes no nosso estudo, o que significa que as mulheres identificam a totalidade do casamento, ou uma parte significativa deste, como estando ameaçado de ruptura. Neste contexto, o divórcio emocional inicia-se muito antes da separação física. Em termos metafóricos, cinco das seis narrativas assemelham-se a uma doença grave e terminal que conduz inevitavelmente à morte (Théry, 1996). Na outra narrativa, assemelha-se em termos metafóricos, a um acidente grave e inesperado. Esta opção pelo drama ou tragédia, como vimos atrás, tem a ver com a opção feita pelo próprio narrador ao dispor, na linha imaginária do tempo, os elementos de 'desencanto' e o elemento 'desencadeador' da separação.

A configuração tipo tragédia corresponde a uma percepção pela mulher de que o casamento vai mal. Como refere Théry (1996, p. 271), "esta configuração narrativa (a tragédia) relativiza o factor desencadeador no conjunto da significação do discurso pelo que, se o casamento é visto como um insucesso, a decisão de o terminar não é mais que algo lógico.

O factor desencadeador não é senão uma oportunidade. O contexto, o enredo, é mais importante que a iniciativa".

Pelo contrário, no drama a decisão de ruptura não foi precedida de uma crise, não havia forma de evitar a separação porque não se previu. Se não se viu chegar foi porque o outro tomou uma iniciativa intempestiva e absurda. Não havia motivos para o divórcio. Assim, na iniciativa dramática é pouco provável que o narrador tenha a iniciativa da ruptura (Théry 1996).

143

Podemos supor que estas mulheres justificam, *a posteriori*, a iniciativa de ruptura do casamento que partiu de si próprias. Mas, também é crível uma certa continuidade na representação que cada uma faz da sua história, que vive e que reconta a si própria em permanência. Poderá ser por este motivo que as mulheres, ao interpretarem o casamento como crise, tenham a energia para tomar a iniciativa, considerem que não têm escolha e que não fazem mais do que pôr fim a um casamento condenado.

Dois ordens de razões podem concorrer para esta explicação. As tarefas domésticas, tão pouco partilhadas, fazem com que os casamentos sejam muito pesados para as mulheres, o que contribuirá para pôr em causa um casamento em que tiram menos benefícios. A este facto, acresce a questão dos maus tratos, o alcoolismo, o pouco apoio doméstico, a insuficiente partilha e apoio económico.

Como refere Gray (2000, p.134), as mulheres possuem uma forma muito peculiar de perceber o mundo: "a consciência feminina é expansiva, instintivamente, apanha todo o quadro e, gradualmente, descobre as partes, explorando a sua relação com o todo. Põe mais ênfase no contexto do que no conteúdo. A consciência feminina é aberta, interessa-se naturalmente mais pelo amor, relacionamento, partilha, cooperação, intuição, harmonia".

As mulheres, porque parecem mais perspicazes a sentir e perceber o seu casamento ameaçado, são também elas a pôr-lhe fim. Daqui, parece resultar que as mulheres estão muito orientadas para a relação, percebendo facilmente que o casal não funciona (Gray, 2000). A decisão de divórcio é, fundamentalmente, uma decisão de apenas um dos cônjuges; só uma pequena parte considera que a decisão de separação foi partilhada.

O estudo qualitativo mostra-nos que os maus tratos e a

impulsividade, mas também as alterações do comportamento do marido e a degradação do relacionamento são factores chave no desencanto, e elementos cruciais no deflagrar da crise conjugal.

Ou, como diriam Théry (1996) e Roussel (1999), o papel feminino está ligado a uma menor abertura para o exterior, o que torna as mulheres mais atentas e exigentes relativamente ao relacionamento conjugal e parental. Acresce, ainda, que ao serem também, muitas vezes, vítimas daquilo que não vai bem e da dupla jornada, o casamento torna-se muito pesado para as mulheres e responsabiliza-as mais pelo que corre mal em casa.

O divórcio, em certos aspectos, pode ser considerado o inverso do casamento. O casamento pressupõe uma relação a dois, é algo partilhado, resulta, em grande medida, de projectos comuns entre ambos os parceiros. No casamento as vontades convergem num ponto, numa direcção, num objectivo. Ao contrário, o divórcio raramente depende da iniciativa de ambos os cônjuges, é fundamentalmente uma iniciativa individual, não partilhada (Wallerstein & Blakeslee, 1990; Emery, 1994).

As narrativas tipo tragédia parecem mais comuns entre as mulheres e apontam para um período de reflexão muito mais profundo acerca da viabilidade da relação. Neste caso as mulheres consideram que o pôr fim ao casamento não é mais do que uma decisão em consonância com o seu percurso conjugal e, portanto, afigura-se-lhes uma decisão lógica e inevitável. Nos dramas, as mulheres como que são apanhadas de surpresa e consequentemente existe um sentimento de incredulidade e de irrealidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMAN, M. J. (1995). *Clinician's Guide to Child Custody Evaluations*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- ALMEIDA, L. & FREIRE, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia da Educação*. Coimbra: APPORT.
- EMERY, E. R. (1994). *Divorce, child custody and mediation*. New York: The Guilford Press.
- ERIKSON, J. L. (1991). *The problem of impasse in custody mediation: insights from three perspectives*. Ph.D. University of Kansas, UMI Dissertation Services.
- GRAY, J. (2000). *Os Homens são de Marte as Mulheres de Vénus. Como comunicar eficazmente com a pessoa que ama*. Lisboa: ROCCO.
- GUTTMANN, J. (1993). *Divorce in psychosocial perspective: theory and research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- MARCOS, L. (1986). *La decision de divorciarse*. Madrid: Espasa-Calpe.
- MARTÍN, C. (1997). *L'après divorce-lien familial et vulnérabilité*. Rennes: PUR
- PATTON, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newsbury Park, CA. Sage Publications, Ltd.
- PINTO, H. A. (2002). *Percepções e Vivências Femininas do Processo de Separação e Divórcio*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado, policopiada).
- RICOEUR, P. (1984). *Temps et récit*. Paris : Éditions du Seuil.
- ROUSSEL, L. (1999). *La Famille incertaine*. Paris: Odile Jacob.
- THÉRY, I. (1996). *Le Démariage. Justice et vie privée*. Paris : Editions Odile Jacob.
- WARSHAK, R. (2001). *Divorce Poison*. New York: Harper Collins Publishers.
- WALLERSTEIN, J. S. & BLAKESLEE, S. (1990). *Padres e hijos despues del divórcio*. Buenos Aires: Vergara.
- WALLERSTEIN, J. S. & KELLY, J. B. (1996). *Surviving the break up*. Basic Books
- WEGSCHEIDER-CRUSE, S. (1999). *A vida depois do divórcio*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Henrique Pinto
M.ª da Graça Pereira

146

WALLERSTEIN, J. S.; LEWIS, J.M. & BLAKESLEE, S. (2000). *The Unexpected Legacy of Divorce*. New York: Hyperion.